



PROEXT
Pró-reitoria de Extensão
e Relações Comunitárias

Matriz de SABERES do Território

T1 - REGIÃO CENTRO

AUTORES

Marcio Tascheto da Silva
Anelis Rolão Flôres
Gustavo Gonçalves Cougo
Adriano da Silva Falcão
Juliana Silveira Colomé
Laíse Viviane Chaves da Rosa

editora
UFN



PROEXT
Pró-reitoria de Extensão
e Relações Comunitárias

Matriz de SABERES do Território

T1 - REGIÃO CENTRO

AUTORES

Marcio Tascheto da Silva
Anelis Rolão Flôres
Gustavo Gonçalves Cougo
Adriano da Silva Falcão
Juliana Silveira Colomé
Laíse Viviane Chaves da Rosa

Universidade Franciscana - UFN

Santa Maria, 2026

EDITORA UFN

Rua Silva Jardim, 1535
Prédio 7, Sala 305
Centro | Santa Maria, RS
97010-491 | (55) 3220.1203

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Fagner Millani
Lucio Pozzobon de Moraes

**CAPA, PROJETO GRÁFICO
E DIAGRAMAÇÃO**

Fagner Millani

REVISÃO ORTOGRÁFICA

Janette Mariano Godois

AUTORES

Marcio Tascheto da Silva
Anelis Rolão Flôres
Gustavo Gonçalves Cougo
Adriano da Silva Falcão
Juliana Silveira Colomé
Laise Viviane Chaves da Rosa

COMISSÃO EDITORIAL

Prof. Dr. Adriano da Silva Falcão
Prof.^a Dr.^a Anelis Rolão Flôres
Prof.^a Dr.^a Cláudia Zamberlan
Prof.^a Dr.^a Juliana Silveira Colomé
Prof. Dr. Marcio Tascheto da Silva
Ma. Amanda Rampelotto Löbler
Me. Gustavo Gonçalves Cougo
Esp. Laise Viviane Chaves da Rosa

M433 Matriz de Saberes do Território : T1- Região Centro
/ Autores Márcio Tascheto da Silva ... [et al.] – Santa
Maria, RS : Editora UFN, 2026.
52 p. : il.

ISBN 978-65-5852-571-4 (impressa)
ISBN 978-65-5852-572-1 (online)

1. Educação Superior 2. Extensão Universitária – UFN
I. Silva, Márcio Tascheto da

CDU 378

Elaborada pela Bibliotecária Eunice de Olivera CRB 10/1491

O conteúdo desta obra fora formulado exclusivamente pelo(s) autor(es). A Editora UFN não se responsabiliza pela manutenção, atualização e idioma dos sites, programas, materiais complementares ou similares referidos pelos autores nesta obra.

Marcas Registradas: Todos os termos mencionados e reconhecidos como Marca Registrada e/ou Comercial são de responsabilidade de seus proprietários. A editora informa não estar associada a nenhum produto e/ou fornecedor apresentado no livro.

SUMÁRIO

Apresentação da Matriz	4
Os Territórios da Extensão	8
SABER 1	
Alimentação, soberania alimentar e erradicação da fome	10
SABER 2	
Habitação, abrigo e modos de morar	14
SABER 3	
Mobilidade, acessibilidade e Caminhabilidades	18
SABER 4	
Economia local, trabalho e criatividade	22
SABER 5	
Meio ambiente, clima urbano e ecologias do centro	26
SABER 6	
Questões étnico-raciais, de gênero e diversidade	30
SABER 7	
Movimento, corpo, brincar e esporte	34
SABER 8	
Agenda local, memória, patrimônio e participação	38
SABER 9	
Saúde, atenção básica e bem-estar comunitário	42
A Matriz de Saberes do Território 1 - Centro	47
Referências	48

Apresentação da Matriz

Este documento tem como objetivo central oferecer a todos os extensionistas da Universidade Franciscana um instrumento orientador para a produção de conhecimento e cultura. Sem constituir um modelo rígido, a Matriz orienta e qualifica os processos criativos e formativos no âmbito da extensão, do ensino e da pesquisa. Trata-se, portanto, de um instrumento disparador de novos possíveis, constituído a partir da própria dinâmica cultural e socioterritorial da cidade de Santa Maria/RS.

É importante destacar que este documento se inspira nos cadernos lançados pelo Programa Mais Educação (PME) (Brasil, 2009a; 2009b), em especial os cadernos “Rede de saberes Mais Educação: pressupostos para projetos pedagógicos de educação integral” (Brasil, 2009c) e “Territórios Educativos para Educação Integral” (Brasil, 2013). Além disso, a proposta apoia-se no trabalho realizado pela Associação Cidade Escola Aprendiz e nos diagnósticos socioterritoriais que resultaram nos Saberes do Território, descritos no site institucional da associação (Cidade Escola Aprendiz, 2018a; 2018b).

Para a elaboração da Matriz, também foram considerados dados provenientes do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2022), bem como estudos desenvolvidos por pesquisadores da região, cujas análises e informações socioterritoriais contribuem para a compreensão do Território Extensionista Prioritário 1 (Cougo; Silva; Flôres, 2024; Cougo, 2025; Nascimento, 2025; Rossi; Passos, 2024; Silva; Moll, 2024; Silva, 2024; Vieira; Silva; Dalmolin, 2018).

A elaboração deste documento também se fundamenta no trabalho desenvolvido no âmbito da Cátedra UNESCO UniTwin Cidade que Educa e Transforma, espaço privilegiado para a construção da proposta extensionista de leitura dos territórios aqui apresentada.

A proposta orienta-se pela construção de um currículo do território, reconhecendo que os territórios de abrangência da extensão constituem, eles próprios, espaços formativos dinâmicos e orgânicos. Nessa perspectiva, a Matriz de Saberes do Território atua como instrumento organizador da escuta e da leitura dos territórios e da construção sistemática desses currículos territoriais, entendidos como conjuntos de temas, saberes, pautas estratégicas e agendas prioritárias que se aproximam de um programa curricular elaborado a partir dos saberes territoriais (Silva; Löbler, 2025).

Esses currículos territoriais articulam grandes linhas de ação (como atenção básica, educação integral, moradia, mobilidade urbana), públicos de atuação (crianças, juventudes, idosos, mulheres, pessoas atípicas etc.) e questões estratégicas (relações étnico-raciais, desenvolvimento comunitário, justiça climática, entre outras), evitando, sobretudo, ações fragmentadas e desconectadas da realidade local.

Diante disso, a Matriz de Saberes do Território possui caráter dinâmico e heterogêneo, condição necessária para incorporar as vocações e experiências comunitárias às atividades extensionistas desenvolvidas pelos programas e projetos da Universidade. Sua revisão e atualização permanentes constituem parte do próprio processo de consolidação da proposta.

A Matriz constitui um instrumento de diálogo e de troca entre os saberes universitários e os saberes socioterritoriais. Inspirada na filosofia do Papa Francisco, contribui para concretizar a concepção de uma Universidade em saída: uma instituição que não permanece fechada em si

mesma, mas se coloca à disposição da comunidade que a abriga, promovendo uma ética de cuidado comum e responsabilidade mútua.

Nessa perspectiva, a Matriz de Saberes do Território organiza, em campos temáticos, os saberes socioterritoriais, as pautas estratégicas, os potenciais educativos e as agendas prioritárias dos territórios, em sintonia com a curricularização da extensão e com os programas e projetos de extensão. A Matriz permite agrupar temas e conteúdos em um programa curricular do território, que, por sua vez, retroalimenta os programas, os projetos de extensão, os projetos integradores e os subprojetos e, por meio deles, os currículos dos cursos de graduação, dos programas de pós-graduação *stricto sensu* e de outras atividades extensionistas, oferecendo “matéria-prima” para a extensão.

A proposta reconhece e valoriza a diferença ao fomentar a formulação de saberes que nascem da interação com as dinâmicas sociais e culturais dos territórios. Desse modo, contribui para a formação integral dos estudantes, articulando expertise profissional e domínio técnico à formação de cidadãos conscientes e comprometidos com as realidades local e global, em consonância com a Agenda 2030.

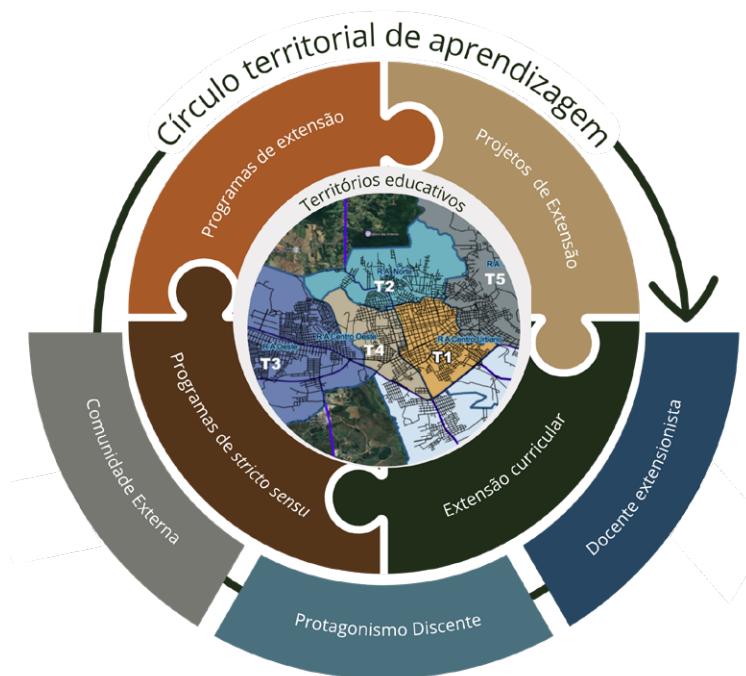
Entendem-se por Saberes socioterritoriais as maneiras de viver, agir e se organizar em cada território, que expressam a cultura local e as condições sociais, históricas e geográficas em que uma comunidade está inserida. Esses saberes conduzem à identificação dos potenciais educativos, compreendidos como o conjunto de pessoas, lugares, iniciativas e dinâmicas presentes na cidade e nos territórios capazes de favorecer processos de formação, reflexão e aprendizagem. A potência educativa dos territórios orienta a proposição de práticas extensionistas possíveis, experiências e ações formativas que aproximam e colocam em diálogo os mananciais educativos de um território com os saberes

socioterritoriais ali construídos, no contexto de cada área do conhecimento, ciência e curso.

Em cada um dos Saberes, são apresentadas Perguntas Disparadoras destinadas a promover a reflexão sobre o território, dinamizar as discussões e subsidiar um diagnóstico inicial, além de Temas socioculturais e dados possíveis.

A seguir, apresenta-se a Matriz de Saberes do T1 - Centro1, região que abriga a Universidade Franciscana, estruturada como um conjunto de dispositivos educacionais em movimento.

Imagem 1 – Ecosystema extensionista da Universidade Franciscana, 2026.



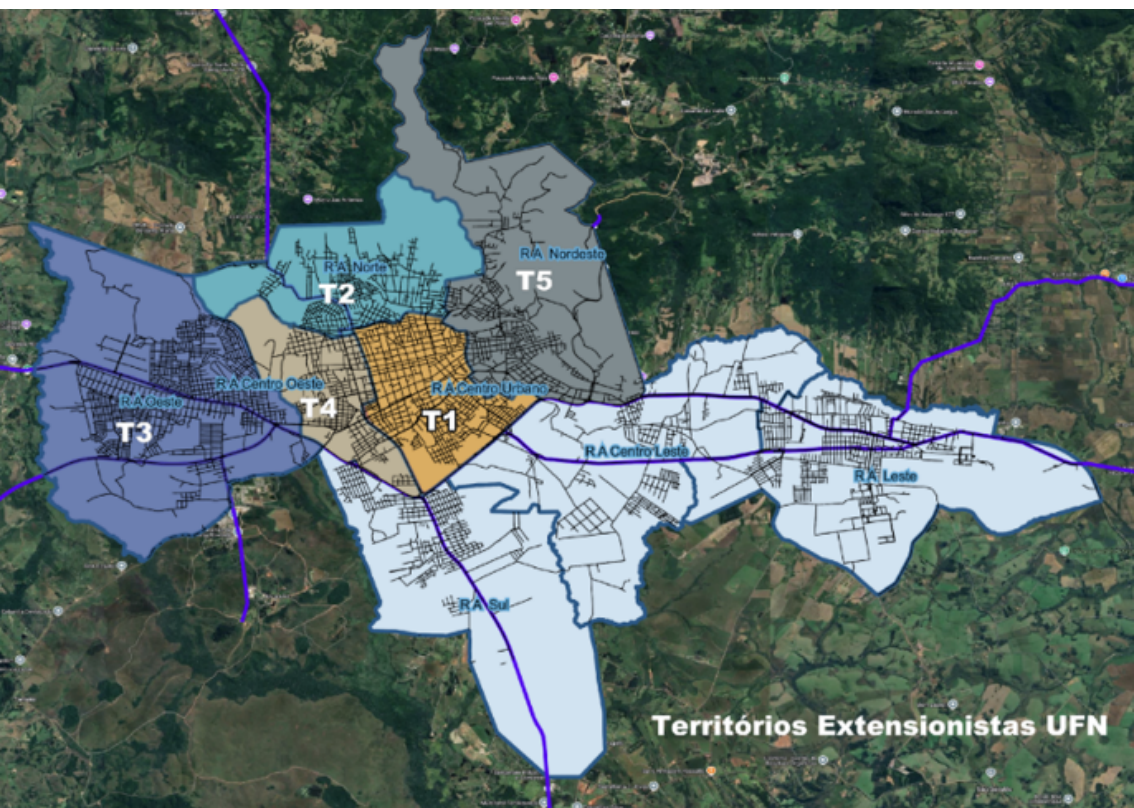
Fonte: Pró-reitoria de Extensão e Relações Comunitárias (PROEXT).

Os Territórios da Extensão

Os territórios prioritários da extensão na Universidade Franciscana foram definidos a partir dos diagnósticos territoriais realizados no âmbito do Núcleo de Apoio à Extensão (NAEx), da Universidade Franciscana. Os membros do núcleo reuniram e georreferenciaram, a partir dos dados da extensão, coletados dos relatórios dos projetos integradores das disciplinas curricularizadas, os pontos de inserção no território de Santa Maria/RS. Como conclusão desse diagnóstico, foi possível observar que a extensão da Universidade Franciscana se dá, prioritariamente, nos territórios administrativos, Centro, Centro-oeste, Oeste, Norte e Nordeste da cidade.

Com isso, em um esforço coletivo para aprimorar a inserção territorial da Universidade e prezando pela criação de vínculos mais sólidos e duradouros com as comunidades, foram definidos cinco territórios prioritários da extensão universitária: T1 – Centro, T2 – Norte, T3 – Oeste, T4 – Centro-Oeste e T5 – Nordeste.

Imagem 2 - Territórios extensionistas prioritários da Universidade Franciscana, 2026.



Fonte: Núcleo de Apoio à Extensão (NAEx).

Essa definição não limita os lugares de ação, mas incentiva que as atividades sejam desenvolvidas pensando na continuidade e no resultado de longo prazo, sempre vinculado aos objetivos maiores dos programas de extensão.

SABER 1

Alimentação, soberania alimentar e erradicação da fome



Este saber convoca a perceber a alimentação no Território 1 - Centro de Santa Maria para além do prato, percebendo-a como direito, mas também como elemento de cultura, memória e conflito. Cozinhas comunitárias, padarias, restaurantes, pontos de distribuição de comida de rua e iniciativas solidárias trazem consigo os possíveis sabores locais, ao passo que também visibilizam a presença cotidiana da fome e da insegurança alimentar. Ao aproximar os estudantes, os trabalhadores da alimentação, os moradores e a população em situação de rua, este saber tenta problematizar quem come, o que come, onde e em quais condições, mobilizando a pensar sobre a soberania alimentar, cuidados com a saúde e redes de solidariedade no território.

A. SABERES SOCIOTERRITORIAIS

1. Saberes de preparo de alimentos (restaurantes, restaurantes populares, cozinhas comunitárias ou de instituições públicas e privadas, cafés, padarias, centros/movimentos tradicionalistas etc.).
2. Culturas alimentares regionais (chimarrão, pratos típicos, comidas de rua etc.).
3. Experiências de solidariedade alimentar (doações, sopões, redes de ajuda à população em situação de rua, cozinhas comunitárias etc.).
4. Experiências de fome, insegurança alimentar e dietas precárias vividas no Centro.

B. POTENCIAIS EDUCATIVOS

1. Feiras, mercados, serviços de alimentação (cozinhas comunitárias, restaurantes, padarias etc.).
2. Equipamentos públicos ligados à segurança alimentar (restaurantes populares, bancos de alimentos, cozinhas solidárias etc.).
3. Serviços socioassistenciais que atendem população em situação de rua.
4. Cozinhas de escolas, hospitais, instituições religiosas, centros/movimentos tradicionalistas etc.

C. PRÁTICAS EXTENSIONISTAS POSSÍVEIS

1. Cartografia da comida no centro: mapeamento de onde se come, o quê, por quanto, quem come (e quem não consegue comer).
2. Oficinas culinárias intergeracionais (estudantes + cozinheiras, comerciantes, moradores antigos) com registro de receitas, histórias e memórias.
3. Estudos de cadeias curtas de produção: de onde vêm os alimentos que chegam ao Centro (agricultura familiar, grandes redes, economia solidária, empresas etc.).
4. Projetos de hortas urbanas, compostagem, bancos de sementes articulados a equipamentos públicos.
5. Rodas de conversa com movimentos de combate à fome e organizações de economia solidária.

D. PERGUNTAS DISPARADORAS

1. Que sabores do Centro marcam a memória local? Quem os produz e para quem?
2. Onde, no território, a fome aparece? Como ela se distribui ao longo do dia e na cidade? E à noite?
3. De onde vêm os alimentos que circulam pelo Centro? Que trajetórias de trabalho estão “embutidas” neles?
4. Que rituais alimentares (chimarrão, café, lanche, almoço em família e ou no trabalho) criam laços de pertencimento? E a falta destes, o que acarreta?

5. Como as práticas de solidariedade (sopão, doações e marmitas) revelam formas próprias de educar para o cuidado e a responsabilidade coletiva?

E. TEMAS SOCIOCULTURAIS E DADOS POSSÍVEIS

1. Segurança e insegurança alimentar urbana, fome e população em situação de rua.
2. Cultura alimentar regional e saúde (ultraprocessados x comida de verdade).
3. Trabalho invisibilizado na cadeia alimentar (cozinheiras, entregadores, catadores etc.).
4. Alimentação como patrimônio imaterial (receitas locais, receitas tradicionais etc.).
- 5. Sugestões de dados:** indicadores de insegurança alimentar (IBGE e CadÚnico), mapeamento de equipamentos de segurança alimentar, dados de atendimento da assistência social e de saúde pública.

SABER 2

Habitação, abrigo e modos de morar



Neste saber, aparecem as múltiplas formas de morar no Centro de Santa Maria. São prédios antigos, apartamentos, pensões, quartos alugados, ocupações, abrigos e a própria rua como lugar de moradia. Ao observar narrativas e histórias de moradores antigos e de quem vive em condições precárias, como pessoas em situação de rua, o saber expressa o abrigo como direito e como preocupação que se vive no corpo, atravessado por inseguranças, afetos e conflitos, mas também por manifestações de solidariedade. Trata-se, portanto, de reconhecer o território como casa comum, problematizando as políticas habitacionais, os usos e as disputas sobre espaço urbano e refletindo, enquanto universidade, o nosso papel na defesa do direito à moradia digna e à proteção social.

A. SABERES SOCIOTERRITORIAIS

1. Diferentes formas de morar no Centro: prédios antigos, apartamentos, pensões, hotéis, ocupações, casas de fundo e quartos alugados.
2. Áreas de risco.
3. Modos de habitar as ruas: população em situação de rua, andarilhos, pessoas que fazem do espaço público extensão da casa (praças, parques ou sob as marquises).
4. Relações de vizinhança, solidariedade e conflito nos edifícios e ruas.
5. Memórias de quem “sempre morou no Centro” e viu o território se transformar.

B. POTENCIAIS EDUCATIVOS

1. Serviços e políticas de habitação, CRAS/CREAS, abrigos/centros de acolhida.
2. Movimentos de moradia, pastorais sociais, associações de moradores.
3. Arquitetos, urbanistas, assistentes sociais, lideranças comunitárias, etc.
4. Arquivos públicos e memoriais que guardam a história urbana do Centro.
5. Dia do vizinho e outros eventos.

C. PRÁTICAS EXTENSIONISTAS POSSÍVEIS

1. Inventário dos modos de morar: entrevistas com moradores antigos, síndicos, zeladores e população em situação de rua.
2. Leitura crítica da paisagem urbana: fachadas, edifícios vazios, áreas degradadas e áreas gentrificadas, como o Distrito Criativo Centro-Gare.
3. Projetos de design social para mobiliário urbano, acolhimento e melhoria de espaços de pernoite/convivência.
4. Oficinas de “cartas da casa”: estudantes escrevem, com moradores, narrativas sobre “meu quarto, minha rua, meu teto”, etc.
5. Parcerias com serviços socioassistenciais para compreender fluxos de atendimento e lacunas/gargalos.

D. PERGUNTAS DISPARADORAS

1. Que formas de morar existem hoje no Centro? Quais são visíveis? Quais ficam escondidas?
2. Que espaços funcionam como refúgio (para descanso, oração, lazer e proteção) ao longo do dia e da noite?
3. Como a convivência entre moradores de edifícios, comerciantes, população em situação de rua e frequentadores eventuais produz tensões e solidariedades?
4. Que políticas públicas e iniciativas comunitárias já existem para garantir o direito à moradia e ao abrigo? Elas dão conta?

5. Como a universidade pode atuar sem reforçar estigmas e sim ampliar direitos e espaços de acolhimento?

E. TEMAS SOCIOCULTURAIS E DADOS POSSÍVEIS

1. Déficit habitacional, aluguel, gentrificação, ocupações e população em situação de rua.
2. Violências urbanas associadas à falta de moradia digna.
3. **Sugestões de dados:** Censo Demográfico (tipos de domicílio, adensamento), cadastros municipais, dados da política de habitação e da assistência social.

SABER 3

Mobilidade, acessibilidade e caminhabilidades



Este saber parte dos percursos cotidianos, a pé, de ônibus, de bicicleta, de carro ou com apoio de quaisquer equipamentos de mobilidade, para compreender como se vive, se sente e se expressa o Centro, garantindo o direito de ir e vir, o direito à cidade. E vai além disso, pois pretende refletir quem acessa ou não, o que, como e por quais motivos isso acontece, o que inclui observar desde os caminhos “oficiais” e atalhos, lugares seguros e trechos evitados, ou as barreiras físicas e simbólicas que desenham mapas de acesso e exclusão. Ao observar trabalhadores, estudantes, pessoas com deficiência, idosos, jovens e crianças, este saber evidencia que a organização do trânsito, das calçadas e dos transportes expressa as desigualdades, os medos e as resistências no espaço urbano, pensando na mobilidade como alternativa e direito, mas também como espaço de cuidado e oportunidade de encontro.

A. SABERES SOCIOTERRITORIAIS

1. Rotinas de deslocamento de quem trabalha, estuda, vende, circula pelo Centro: a pé, bicicleta, transporte público, transporte privado, etc.
2. Relações do centro como lugar cotidiano de pessoas de outros bairros.
3. Saberes corporais de quem “conhece os desvios”: becos, atalhos, caminhos mais seguros, percursos que evitam violência ou assédio.
4. Experiências de pessoas com deficiência ou mobilidade reduzida diante de calçadas irregulares, falta de rampas, sinalização precária e demais barreiras urbanas.
5. Práticas de lazer que também são mobilidades urbanas (caminhadas, corridas, pedais).

B. POTENCIAIS EDUCATIVOS

1. Terminais intermodais, terminais de ônibus, pontos de transporte coletivo e rede de ciclovias.
2. Ruas de comércio intenso, calçadas, praças, travessias críticas, etc.
3. Órgãos de trânsito, conselhos de mobilidade, coletivos de ciclistas e pedestres.
4. Experiências locais com “ruas de lazer” ou fechamento de vias em fins de semana como acontece em outros lugares do Brasil.

C. PRÁTICAS EXTENSIONISTAS POSSÍVEIS

1. Caminhadas cartográficas: percursos guiados pelos próprios moradores e trabalhadores, com registro de barreiras, medos, belezas. Caminhadas com os projetos de extensão, como o Mapeando Memórias e o [com]VIDA.
2. Mapas afetivos da mobilidade: “meu caminho até a universidade”, “percurso da feira”, “trajeto da coleta de recicláveis”, etc.
3. Oficinas de acessibilidade (simulações de deslocamento em cadeira de rodas, com venda nos olhos etc.).
4. Estudos de caso de políticas de mobilidade urbana e direito à cidade (tarifa, integração, tempo de deslocamento).
5. Produção de microvídeos, *podcasts* e fotocartografias sobre “andar pelo Centro”.

D. PERGUNTAS DISPARADORAS

1. Por onde se anda com tranquilidade no Centro? Onde o corpo sente medo, cansaço, perigo?
2. Quais barreiras físicas (degraus, buracos, calçadas estreitas e topografia acentuada) e simbólicas (racismo, misoginia, etarismo, LGBTfobia, etc.) impedem a circulação de algumas pessoas?
3. Que trajetos revelam desigualdades (quem precisa caminhar mais, esperar mais e se expor mais)?
4. Como a mobilidade pode ser também tempo de encontro, de conversa, de cuidado?

5. O que mudaria no Centro se o direito de ir e vir de todos os corpos fosse realmente prioridade?

E. TEMAS SOCIOCULTURAIS E DADOS POSSÍVEIS

1. Transporte público e desigualdades territoriais, mobilidade ativa (a pé, bicicleta), acessibilidade universal.
2. Violência no trânsito, sensação de segurança/insegurança.
3. **Sugestões de dados:** pesquisas de origem-destino, estatísticas de acidentes, mapas de acessibilidade, tempo médio de deslocamento para estudo e trabalho.

SABER 4

Economia local, trabalho e criatividade



Este saber toma a economia do Território 1 - Centro como um vasto campo formativo e que compreende pequenos comércios, vendedores ambulantes, feirantes, prestadores de serviços, profissionais liberais, trabalhadores formais e informais. Nas ruas, galerias, lojas e feiras, circulam saberes de ofício, estratégias de sobrevivência, redes de confiança e práticas de inovação criativa. O saber busca compreender como se produz renda, quem se beneficia ou é excluído deste circuito e que experiências de economia solidária, colaborativa e criativa já existem. Aproximando a universidade dos trabalhadores, procura-se construir leituras críticas sobre trabalho, direitos, precarização e alternativas para uma economia mais justa.

A. SABERES SOCIOTERRITORIAIS

1. Saberes de ofício: comerciantes, ambulantes, feirantes, artesãos, trabalhadores de serviços, profissionais liberais, sapateiros, alfaiates, engraxates etc.
2. Circuitos de economia popular, informal, solidária e criativa (brechós, artesanato, pequenos negócios, serviços culturais, etc.).
3. Relações de trabalho no Centro (formais, informais, precarizadas, uberização e trabalho noturno).
4. Saberes de gestão, negociação, redes de confiança e crédito informal.

B. POTENCIAIS EDUCATIVOS

1. Comércio de rua, galerias, shoppings, feiras, bares e restaurantes.
2. Associações comerciais, cooperativas, sindicatos e grupos de economia solidária.
3. Instituições financeiras, bancos comunitários (se houver) e programas de microcrédito.
4. Incubadoras ou parques tecnológicos.
5. Equipamentos culturais e criativos (teatros, centros culturais, estúdios, espaços de arte, museus etc.)

C. PRÁTICAS EXTENSIONISTAS POSSÍVEIS

1. Inventário de ofícios e saberes profissionais do Centro: mapeamento fotográfico e entrevistas.
2. Laboratórios de empreendedorismo solidário e criativo com estudantes e trabalhadores locais.
3. Estudos de “ciclos de vida” de um produto/serviço típico do Centro (por exemplo, um pastel, um café, um conserto de roupa).
4. Rodas de conversa sobre trabalho precário, direitos trabalhistas, economia de plataforma.
5. Intervenções artísticas e comunicacionais que valorizem a economia local (campanhas, feiras temáticas, rotas criativas etc.).

D. PERGUNTAS DISPARADORAS

1. Que ofícios e profissões “sustentam” a vida cotidiana no Centro? Quais são visíveis? Quais permanecem invisíveis?
2. Como as pessoas aprendem o que sabem fazer? Em cursos formais? Na família? No trabalho? Na rua?
3. Que impactos as transformações econômicas recentes (digitalização, plataformas e IA) têm produzido na vida de quem trabalha no Território 1 -Centro?
4. Onde há experiências de cooperação, autogestão, economia solidária?
5. O que seria uma economia do cuidado comum no Centro e como a universidade pode fortalecê-la?

E. TEMAS SOCIOCULTURAIS E DADOS POSSÍVEIS

1. Trabalho formal/informal, desemprego, juventudes e trabalho, trabalho de imigrantes e refugiados.
2. Economia criativa e economia solidária.
3. **Sugestões de dados:** RAIS, CAGED, indicadores municipais de emprego/renda, mapeamento de empreendimentos de economia solidária.

SABER 5**Meio ambiente, clima urbano e ecologias do centro**

Este saber convida a reconhecer que também existe natureza no Território 1 - Centro: parques, praças, jardins, arborização urbana, cursos d'água visíveis ou não, bem como o ar, o calor, o ruído, os resíduos e os rejeitos que circulam diariamente. Escutando moradores, trabalhadores da limpeza urbana, catadores e frequentadores dos espaços verdes, o saber pretende evidenciar como o ambiente urbano afeta a saúde, o bem-estar e as desigualdades socioambientais. Trata-se de olhar para o território ainda como um ecossistema, identificar pontos de cuidado e de degradação e promover práticas que consigam articular educação ambiental, justiça climática e experiências concretas de regeneração e cuidado com o comum.

A. SABERES SOCIOTERRITORIAIS

1. Saberes sobre clima, sombra, vento, chuvas, enchentes, ilhas de calor, aprendidos por quem vive e trabalha no Centro.
2. Conhecimento sobre sistemas de espaços verdes, parques, praças, rios/córregos/arroios canalizados ou invisibilizados.
3. Práticas de cuidado e de descuido com o ambiente (limpeza, lixo, reciclagem, jardinagem, uso da água etc.).
4. Saberes de catadores de materiais recicláveis e trabalhadores da limpeza urbana.

B. POTENCIAIS EDUCATIVOS

1. Parques, praças, canteiros, corredores verdes, áreas de nascente (se houver).
2. Coletas seletivas, cooperativas de reciclagem, serviços de limpeza urbana.
3. Projetos de arborização, hortas urbanas, jardins comunitários, grupos ambientalistas.
4. Escolas, igrejas e outros equipamentos que utilizam seus pátios como espaços verdes.

C. PRÁTICAS EXTENSIONISTAS POSSÍVEIS

1. Trilhas urbanas sustentáveis pelo Centro, com identificação da vegetação e verificação de conforto ambiental.
2. Projetos de etnobotânica urbana (plantas medicinais, árvores de memória afetiva e usos populares).
3. Mapeamento de pontos de alagamento, calor excessivo, lixo acumulado e dados de impacto ambiental.
4. Ações conjuntas de cuidado ambiental (mutirões, plantio e adoção de áreas verdes).
5. Estudos sobre mudanças climáticas e seus impactos em populações vulneráveis do Centro.

D. PERGUNTAS DISPARADORAS

1. Que “naturezas” existem no Centro? Onde elas se concentram, de onde foram expulsas?
2. Como as árvores, o ar, a água e o solo influenciam o bem-estar (ou mal-estar) de quem circula e vive no Centro?
3. Quem cuida dos espaços verdes? Quem decide sobre podas, plantios, supressões, derrubada de árvores?
4. Como os resíduos e rejeitos do Centro “viajam” pela cidade? Que caminhos fazem? Quem trabalha com eles?
5. O que seria um Centro mais verde e saudável a partir das vozes da comunidade?

E. TEMAS SOCIOCULTURAIS E DADOS POSSÍVEIS

1. Áreas verdes *per capita*, ilhas de calor, enchentes/alagamentos, poluição.
2. Justiça ambiental (quem mais sofre com enchentes, calor, resíduos, rejeitos).
3. **Sugestões de dados:** mapas de áreas verdes, dados de eventos climáticos extremos, indicadores de saúde relacionados ao ambiente.

SABER 6**Questões étnico-raciais, de gênero e diversidade**

Este saber preocupa-se com as presenças negras, indígenas, migrantes e de diferentes grupos sociais que tecem a vida do Território 1 - Centro, muitas vezes de forma invisibilizada. Nas ruas, comércios, espaços religiosos, culturais e de lazer, circulam (ou escondem-se) histórias de resistência e também experiências de preconceito e segregação. O saber busca reconhecer essas memórias e presenças, compreender como as desigualdades atravessam o território e fortalecer práticas de educação para as relações étnico-raciais, de gênero e diversidade. Ao fazer isso, abre-se espaço para que a universidade aprenda com os sujeitos e coletivos que lutam por direitos e por uma cidade mais justa, plural, diversa e inclusiva.

A. SABERES SOCIOTERRITORIAIS

1. Presença e memória de populações negras, indígenas, migrantes e de diferentes nacionalidades no Centro (religiosidades, comércio, coletivos etc.).
2. Saberes de grupos invisibilizados que utilizam espaços específicos como lugares de encontro, proteção e expressão.
3. Experiências de violência, preconceito e discriminação.
4. Saberes produzidos em lutas por direitos (movimentos de mulheres, negros, povos indígenas, pessoas com deficiência, coletivos de juventude).

B. POTENCIAIS EDUCATIVOS

1. Coletivos socioculturais.
2. Espaços religiosos, grupos de juventudes e pastorais, movimentos populares.
3. Serviços que lidam com violações de direitos (Centro de Referência Especializado de Assistência Social, delegacias especializadas, conselhos de direitos).
4. Projetos e grupos extensionistas que já trabalham relações étnico-raciais, de gênero e diversidade.

C. PRÁTICAS EXTENSIONISTAS POSSÍVEIS

1. Rodas de memória com lideranças negras, indígenas, femininas etc.
2. Itinerários urbanos sobre “mapas da presença negra/indígena” e “mapas da diversidade” no Centro.
3. Oficinas de produção de narrativas (zines¹, *podcasts*, vídeos, teatro) sobre experiências de discriminação e resistência.
4. Estudos de políticas públicas (Lei nº 10.639/03², educação para relações étnico-raciais, políticas de gênero e diversidade).
5. Parcerias com iniciativas de educação antirracista e de promoção da equidade.

D. PERGUNTAS DISPARADORAS

1. Como as desigualdades se inscrevem nos espaços do Centro (quem ocupa os lugares, em quais horários)?
2. Em que momentos e lugares os corpos negros, indígenas e femininos se sentem mais seguros? Em quais se sentem mais ameaçados?
3. Quais histórias desses grupos estão ausentes das narrativas oficiais sobre a cidade?
4. Como as festas, manifestações culturais e religiosas expressam resistências e reconstruções de identidade?

¹ Publicações independentes e artesanais de pequena circulação.

² Tornou obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira em todas as escolas de ensino fundamental e médio do país.

5. O que a universidade precisa desaprender para ser, de fato, um espaço diverso e inclusivo?

E. TEMAS SOCIOCULTURAIS E DADOS POSSÍVEIS

1. Violências raciais e de gênero, feminicídios e racismo estrutural.
2. Representação de pessoas negras, indígenas e mulheres em espaços formativos e de poder.
3. **Sugestões de dados:** indicadores de violência, perfil racial e de gênero em escolas e universidades, dados de políticas de equidade.

SABER 7

Movimento, corpo, brincar e esporte



Este saber encara os movimentos do corpo no Centro: caminhadas, corridas, jogos, danças, brincadeiras, exercícios em academias, práticas esportivas formais e informais. Crianças, jovens, adultos e idosos produzem, diariamente, coreografias urbanas que misturam trabalho, lazer, cuidado de si e convivência. Ao mapear onde se brinca, onde se treina, onde o corpo descansa ou é controlado, o saber problematiza quem tem acesso a espaços seguros e inclusivos para o movimento. A partir disso, busca fomentar ações que valorizem o brincar, o esporte e as práticas corporais como dimensões fundamentais da saúde, da cultura e da produção de vínculos no território.

A. SABERES SOCIOTERRITORIAIS

1. Saberes corporais de desportistas (quadras, academias, ruas), dançarinos, praticantes de yoga, *parkour*, capoeira etc.
2. Brincadeiras infantis e juvenis nas praças, parques e ruas; rodas de conversa, jogos de cartas, truco, xadrez etc.
3. Experiências de idosos e idosas que caminham, dançam, participam de grupos de saúde.
4. Saberes de quem vive o corpo marcado por doenças, deficiência e sofrimento psíquico.

B. POTENCIAIS EDUCATIVOS

1. Parques, praças, quadras, academias ao ar livre, ciclovias, espaços de dança e cultura corporal.
2. Grupos de idosos, associações esportivas, projetos de esporte educacional, grupos de prática corporal (yoga, tai chi, capoeira etc.).
3. Serviços de saúde e projetos de promoção de saúde mental e física.

C. PRÁTICAS EXTENSIONISTAS POSSÍVEIS

1. Cartografias do corpo em movimento: registros de coreografias urbanas (correr, brincar, treinar e dançar).
2. Oficinas de jogos e brincadeiras tradicionais com crianças, jovens, adultos e idosos.
3. Projetos interdisciplinares sobre corpo, saúde e território (educação física, psicologia, enfermagem, fisioterapia, arquitetura etc.).
4. Ensaios fotográficos ou audiovisuais que registrem “como o Centro se movimenta” em diferentes horários.
5. Intervenções urbano-coreográficas (*flash mobs*, caminhadas poéticas, saraus andarilhos, rodas de dança etc.).

D. PERGUNTAS DISPARADORAS

1. Que movimentos marcam o cotidiano do Centro? Quem se movimenta, quem fica parado, quem observa?
2. Como o brincar, o esporte e o trabalho se misturam na vida das crianças, jovens e adultos do território?
3. Em que medida os espaços para o corpo são inclusivos (para mulheres, pessoas negras, com deficiência, idosos e crianças)?
4. Como o movimento ajuda a produzir memórias afetivas do lugar (primeiro beijo, primeira partida de futebol, primeira corrida, primeiro ensaio de dança)?
5. Que movimentos corporais expressam resistência, cuidado de si, alegria, protesto?

E. TEMAS SOCIOCULTURAIS E DADOS POSSÍVEIS

1. Sedentarismo, saúde mental, esporte como direito social.
2. Violência contra corpos dissidentes no espaço público.
3. **Sugestões de dados:** indicadores de saúde (doenças crônicas, saúde mental), uso de equipamentos esportivos, programas de esporte/lazer.

SABER 8**Agenda local, memória,
patrimônio e participação**

Este saber organiza o olhar a partir da memória que ainda vive (ou luta para permanecer viva) no Território 1 - Centro: festas religiosas e populares, manifestações culturais, eventos políticos, patrimônios materiais e imateriais, pequenas histórias de vida que não aparecem nos livros oficiais ou aparecem sem o protagonismo que lhes é de direito. Ao cruzar arquivos, edifícios históricos, praças, parques, monumentos, calendários de eventos e relatos de moradores, o saber escancara as disputas de memória, pertencimento e sentido de cidade. Ao mesmo tempo, destaca formas de participação social e política que acontecem em conselhos, associações, coletivos e movimentos. A proposta é construir, em diálogo

com todas as pessoas, uma agenda local que articule patrimônio, comemorações, lutas e projetos, fazendo da memória e da participação um eixo estruturante da ação universitária no território.

A. SABERES SOCIOTERRITORIAIS

1. Calendário de festas religiosas, populares, culturais e políticas do Centro (procissões, desfiles, festas de rua, eventos estudantis, feiras, festivais).
2. Patrimônio material (edifícios históricos, praças, parques, monumentos etc.) e imaterial (festas, saberes, sotaques, músicas, comidas, lendas etc.).
3. Saberes de agentes culturais, mestres de cultura popular, artistas de rua e lideranças comunitárias.
4. Modos de participação política e comunitária (conselhos, associações, coletivos, movimentos, fóruns etc.).

B. POTENCIAIS EDUCATIVOS

1. Equipamentos culturais (teatros, museus, centros culturais, bibliotecas, arquivos e cinemas).
2. Conselhos municipais/setoriais, associações de bairro, fóruns de cultura, juventude, educação, saúde.
3. Escolas, igrejas, universidades e organizações da sociedade civil.
4. Projetos de memória e museologia social.

C. PRÁTICAS EXTENSIONISTAS POSSÍVEIS

1. Construção colaborativa de uma Agenda Local do Centro (digital e física), reunindo eventos, memórias e lutas.
2. Projetos de educação patrimonial: visitas guiadas, oficinas de leitura de cidade, intervenções de preservação e ressignificação do patrimônio.
3. Coletivos de estudantes como “cartógrafos de memória”, registrando histórias de vida, mapas mentais e fotografias comparativas (“antes e depois”).
4. Debates e rodas de conversa com conselheiros, lideranças comunitárias, gestores públicos e comunidade em geral.
5. Criação de “roteiros educativos” (por exemplo, a Roteiro da Memória Negra; Roteiro do Patrimônio Religioso; Roteiro das Mulheres do Centro, entre tantos).

D. PERGUNTAS DISPARADORAS

1. Quais são os marcos do calendário local no Centro? Quem decide o que entra (ou não entra) nesses calendários?
2. Que memórias estão presentes nas placas, nomes de ruas, monumentos? Que memórias ficaram de fora?
3. Como as festas, lutas e celebrações locais podem se tornar estruturantes do calendário acadêmico da universidade?

4. Que experiências de participação política existem hoje no território? Quem consegue participar, quem é sistematicamente excluído?
5. O que seria uma Agenda Local do Centro construída a muitas mãos, envolvendo universidade, escolas, moradores, comerciantes, movimentos?

E. TEMAS SOCIOCULTURAIS E DADOS POSSÍVEIS

1. Patrimônio cultural (material e imaterial) e disputas de memória.
2. Participação social, conselhos, orçamento público, políticas culturais e urbanas.
3. **Sugestões de dados:** inventários de patrimônio, calendário oficial de eventos, atas de conselhos, dados de orçamento público em cultura e participação.

SABER 9**Saúde, atenção básica e
bem-estar comunitário**

Este saber parte das diferentes formas de cuidar e produzir saúde no Território 1 – Centro, reconhecendo que o bem-estar comunitário não se limita ao atendimento médico ou à ausência de doenças. Nas Unidades Básicas de Saúde, farmácias populares, serviços públicos, casas e redes de vizinhança, encontram-se saberes profissionais, populares e tradicionais que orientam práticas de prevenção, acolhimento e cuidado cotidiano. Ao aproximar moradores, agentes comunitários de saúde, profissionais, lideranças comunitárias e a universidade, este saber busca compreender como moradia, renda, alimentação, saneamento, trabalho, lazer, violências e acesso à informação atravessam as condições de

saúde. Também procura identificar as barreiras que dificultam o acesso ao Sistema Único de Saúde, enfrentar estigmas relacionados ao adoecimento e fortalecer a participação da comunidade na construção das políticas públicas. Trata-se, portanto, de articular atenção básica, educação em saúde, autonomia e cuidado coletivo, fazendo do território um espaço de promoção da vida e de corresponsabilidade pelo bem-estar comum.

A. SABERES SOCIOTERRITORIAIS

- 1. Conhecimento Popular e Tradicional:** Saberes transmitidos entre gerações sobre o uso de plantas medicinais, chás e remédios caseiros para o manejo de doenças e promoção do bem-estar.
- 2. Percepção da Rede de Saúde:** Identificação das Unidades Básicas de Saúde (UBS) de referência, das farmácias populares, e a compreensão da comunidade sobre o funcionamento, a qualidade e os desafios de acesso ao Sistema Único de Saúde (SUS).
- 3. Agentes de Cuidado:** Reconhecimento da função dos Agentes Comunitários de Saúde (ACS) e de outros líderes comunitários (rezadeiras, benzedadeiras, parteiras, vizinhos) como elos cruciais entre os saberes populares e a assistência formal.

B. POTENCIAIS EDUCATIVOS

- 1. Letramento em Saúde (*Health Literacy*):** Empoderar a comunidade para buscar, compreender e utilizar informações de saúde, permitindo uma tomada de decisão mais consciente sobre a sua própria saúde.

- 2. Educação para a promoção da saúde:** Realização de oficinas e rodas de conversa sobre temas como calendário vacinal, saúde sexual e reprodutiva, alimentação saudável e condições crônicas, como diabetes, hipertensão, saúde mental, dentre outros.
- 3. Discussão sobre Determinantes Sociais:** Promover o entendimento de que a saúde não é apenas a ausência de doença, mas é influenciada por fatores como saneamento básico, moradia, renda, educação, lazer, trabalho, acesso aos serviços de saúde.
- 4. Incentivo ao Controle Social:** Formação de cidadãos para participar ativamente dos Conselhos Locais e Municipais de Saúde, garantindo a representatividade e o monitoramento popular das políticas públicas.

C. PRÁTICAS EXTENSIONISTAS POSSÍVEIS

- 1. Diagnóstico Comunitário Participativo:** Elaboração de um mapeamento dos problemas e recursos de saúde do território, em parceria com a UBS local, envolvendo moradores na identificação de prioridades.
- 2. Oficinas de Práticas Integrativas e Complementares (PICS):** Organizar grupos comunitários para yoga, meditação, auriculoterapia ou fitoterapia, utilizando espaços públicos ou comunitários.

- 3. “Feira de Saúde” Itinerante:** Realização de eventos em locais de grande circulação com verificação de pressão arterial, teste de glicemia, orientações sobre saúde mental e distribuição de materiais informativos.
- 4. Criação de Conteúdo Acessível:** Desenvolvimento de podcasts ou vídeos curtos em linguagem simples e dialeto local sobre direitos no SUS e promoção da saúde.

D. PERGUNTAS DISPARADORAS

1. Na sua vizinhança, o que significa ter saúde? É apenas não ter doença ou é algo mais abrangente?
2. Quais são os principais obstáculos (filas, horários, falta de insumos) que dificultam o acesso a um atendimento de qualidade na Unidade Básica de Saúde?
3. Que tipo de cuidado tradicional (chás, benzeduras, rezas, dentre outros) é valorizado na sua família e como ele se integra com o cuidado oferecido pelo sistema de saúde?
4. Qual é o principal problema de saúde que atinge sua rua/comunidade hoje (ex: violência, água contaminada, falta de acesso a medicamentos, doenças crônicas)?
5. Como a comunidade poderia ajudar a UBS a melhorar o atendimento e a promover o bem-estar de todos?

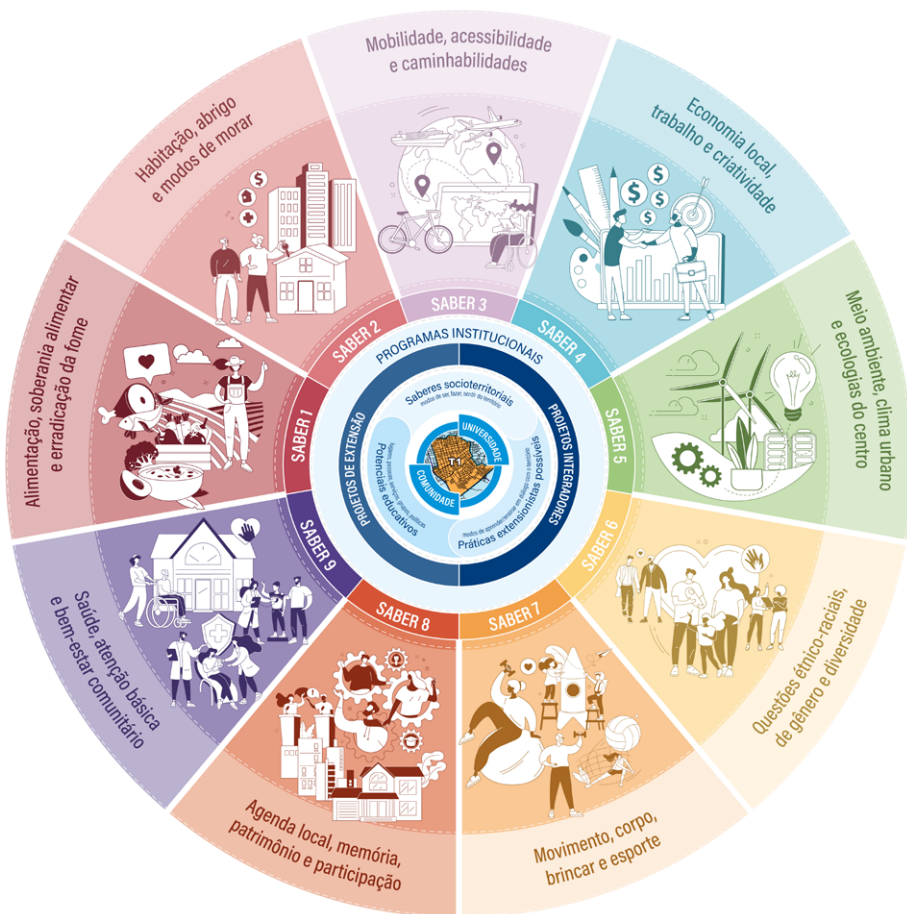
E. TEMAS SOCIOCULTURAIS E DADOS POSSÍVEIS

1. Temas socioculturais: O estigma social associado a doenças como HIV/AIDS ou transtornos mentais. Crenças sobre o processo de adoecimento e cura. A relação entre saúde e o racismo/violência estrutural. Saúde da mulher, do idoso e das minorias sexuais e de gênero no território.

2. Dados Possíveis:

- **Cobertura da ESF:** Percentual de famílias cobertas pela Estratégia Saúde da Família e de domicílios visitados pelos ACS.
- **Indicadores Epidemiológicos:** Taxa de prevalência de doenças crônicas (hipertensão, diabetes) e de doenças transmissíveis.
- **Saúde Materno-Infantil:** Taxa de vacinação infantil, número de gestantes acompanhadas no pré-natal e taxa de mortalidade infantil.
- **Condições do Saneamento:** Dados sobre o acesso à água tratada, coleta de lixo e esgoto no bairro, correlacionando com a incidência de doenças de veiculação hídrica.

A Matriz de Saberes do Território 1 - Centro



Referências

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Teritórios educativos para educação integral**. Brasília: Ministério da Educação, 2013. (Série Cadernos Pedagógicos).

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **Educação integral**: texto referência para o debate nacional. Brasília: Ministério da Educação, 2009b. 52 p. (Série Mais Educação).

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **Programa Mais Educação**: gestão intersectorial no território. Brasília: Ministério da Educação, 2009a. 104 p. (Série Mais Educação).

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **Rede de saberes Mais Educação**: pressupostos para projetos pedagógicos de educação integral: caderno para professores e diretores de escolas. Brasília: Ministério da Educação, 2009c. 92 p. (Série Mais Educação).

CIDADE ESCOLA APRENDIZ. **Saberes do território**. Currículo da Cidade Educadora, São Paulo, 2018a. Disponível em: <https://educacaoeteritorio.org.br/especiais/curriculo-da-cidade-educadorasaberes-do-territorio>. Acesso em: 28 nov. 2025.

CIDADE ESCOLA APRENDIZ. **Currículo da Cidade Educadora**. São Paulo, 2018b. Disponível em: <https://educacaoeterritorio.org.br/especiais/curriculo-da-cidade-educadorasaberes-do-territorio>. Acesso em: 28 nov. 2025.

COUGO, Gustavo Gonçalves. **Urbanidades invisíveis**: o Parque Itaimbé como território educativo em potência. 2025. Dissertação (Mestrado em Ensino de Humanidades e Linguagens) – Universidade Franciscana, Santa Maria, 2025. Disponível em: <http://www.tede.ufn.edu.br:8080/handle/UFN-BDTD/1364>. Acesso em: 4 dez. 2025.

COUGO, Gustavo Gonçalves; SILVA, Marcio Tascheto da; FLÔRES, Anelis Rolão. “Parque-Escola” Itaimbé: Anísio Teixeira na cidade que educa e transforma. **Revista Intersaberes**, [S. l.], v. 19, e24do1008, 2024. Disponível em: <https://www.revistasuninter.com/intersaberes/index.php/revista/article/view/2651>. Acesso em: 4 dez. 2025.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Santa Maria**: panorama. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/santa-maria/panorama>. Acesso em: 10 dez. 2025.

NASCIMENTO, Jéssica Silva do. **A gare da viação férrea de Santa Maria/RS**: possível território educativo para a infância. 2025. 124 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Humanidades e Linguagens) – Universidade Franciscana, Santa Maria, 2025. Disponível em: <http://www.tede.ufn.edu.br:8080/handle/UFN-BDTD/1376>. Acesso em: 4 dez. 2025.

ROSSI, Daiane; PASSOS, Karlla Kamylla. Território negro do Rosário: educação museal antirracista e as cidades educadoras no contexto das mudanças climáticas. **Disciplinarum Scientia: Ciências Humanas**, [S. l.], v. 25, n. 2, p. 15-29, 2024. Disponível em: <https://periodicos.ufn.edu.br/index.php/disciplinarumCH/article/view/5093>. Acesso em: 4 dez. 2025.

SILVA, Marcio Tascheto da. Sabedoria de Penélope: reconhecer as cicatrizes urbanas na cidade que educa e transforma. **Revista de Ciências Humanas**, [S. l.], v. 25, n. 3, p. 6-18, 2024. DOI: <https://doi.org/10.31512/19819250.2024.25.03.06-18>. Acesso em: 5 dez. 2025.

SILVA, Marcio Tascheto da; LÖBLER, Amanda Rampelotto. Círculos territoriais de aprendizagem: reimaginar nossos territórios juntos. *In*: ORTIZ, Ail Conceição Meireles; MARCHI, Janaina (org.). **Territórios educativos: extensão e curricularização da extensão na Universidade Franciscana**. Santa Maria: Editora UFN, 2025. Disponível em: <https://editora.ufn.edu.br/index.php/1/catalog/view/113/122/498>. Acesso em: 8 ago. 2025.

SILVA, Marcio Tascheto da; MOLL, Jaqueline. Cidade e educação: da distopia histórica aos desafios da utopia. **Dialogia**, [S. l.], n. 48, e24481, 2024. Disponível em: <https://periodicos.uninove.br/dialogia/article/view/24481>. Acesso em: 4 dez. 2025.

VIEIRA, Adriano José Hertzog; SILVA, Márcio Tascheto da; DALMOLIN, Bernadete Maria. O mal-estar da experiência no século XXI: desafios para uma nova pedagogia universitária. **Revista Espaço Pedagógico**, [S. l.], v. 25, n. 3, p. 588-601, 2018. Disponível em: <https://ojs.upf.br/index.php/rep/article/view/8565>. Acesso em: 4 dez. 2025.



editora
UFN